

CONTEXTO PASTORAL

ANO III ■ JANEIRO / FEVEREIRO DE 1993 ■ N° 12

CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE SANTO DOMINGO E ECUMENISMO

“Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã” foi o tema da IV Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), realizada em Santo Domingo (República Dominicana) em outubro do ano passado. CONTEXTO PASTORAL faz uma retrospectiva das principais discussões ali apresentadas, analisando especialmente o evento sob o ponto de vista dos avanços e dos retrocessos do diálogo ecumênico. Para José Oscar Beozzo, teólogo católico, o ecumenismo deve ultrapassar as relações entre as igrejas cristãs, tornando-se cultural, social e religiosamente situado ante os desafios dos povos da América Latina. Páginas 5 a 8

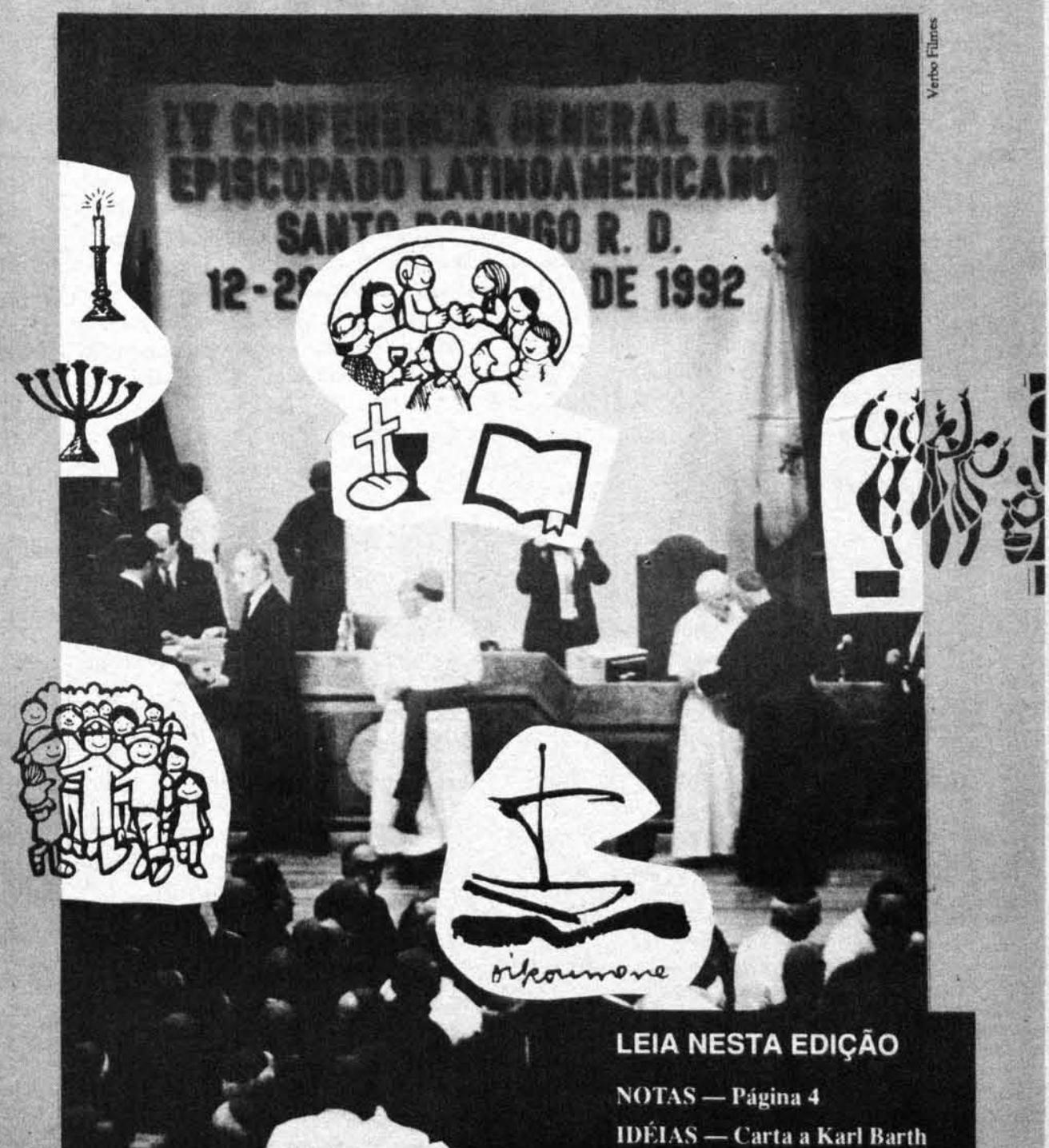


IGREJAS CRISTÃS CONDENAM PENA DE MORTE

“As igrejas cristãs, unidas no CONIC, se definem contrárias à implantação oficial da pena de morte porque acreditam que a violência não se combate com a violência”, destaca o documento distribuído à Nação a propósito de discussões suscitadas sobre o tema. O texto do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs critica também a realização do plebiscito. Página 12

A DURA REALIDADE URBANA

O sociólogo Herbert de Souza faz uma reflexão importante sobre as contradições da vida urbana hoje no Brasil. Ele acredita, entretanto, que “as cidades podem se transformar no lugar da mobilização de todos os deserdados para conquistarem um lugal ao sol”. Página 3



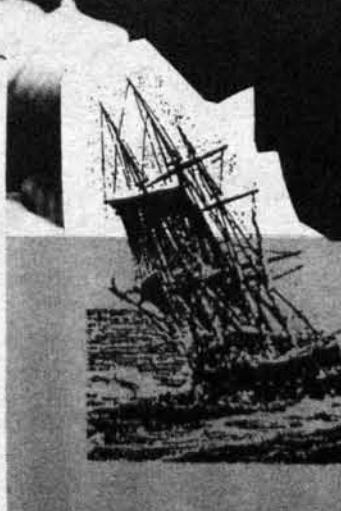
LEIA NESTA EDIÇÃO

NOTAS — Página 4

IDÉIAS — Carta a Karl Barth
Página 9

BÍBLIA — Esperar é preciso
Página 10

Subsídios litúrgicos para a Páscoa
Página 11



Editorial

O pêndulo da unidade

Tolerância, este foi um termo freqüente e historicamente repetido por aqueles que buscam construir o caminho da unidade em um mundo de divisão. Outro exemplo está entre as várias exortações de Paulo: "Por isso eu (...) peço a vocês que vivam daquela maneira digna que Deus determinou quando os chamou. Sejam sempre humildes, delicados e pacientes. Mostrem o seu amor, suportando uns aos outros. Façam o possível para conservar, por meio da paz que os une, a união que o Espírito dá. Há um só corpo e um só Espírito e somente uma esperança, para a qual Deus chamou vocês" (Ef 4.1-4).

Mas o caminho da unidade tem sido sinuoso. O próprio Karl Barth lembra que: "Pode haver boas razões para existirem divisões. Pode haver sérios obstáculos para que sejam eliminadas. Pode haver muitos motivos para explicar estas divisões e mitigá-las. Mas tudo isso não altera o fato de que toda divisão, como tal, é um profundo enigma, um escândalo". E Barth referia-se particularmente às igrejas e a várias denominações. Seriam estes termos, exortações e reflexões de sentido vital para os dias de hoje?

Sem dúvida a questão da unidade é delicada, e verificar suas fronteiras e enfrentamentos é tarefa permanente para aqueles que sentem-se estimulados pelo Espírito a acompanhar os caminhos e descaminhos do pêndulo dos esforços em favor da unidade dos cristãos.

É nesse intuito que acontecimentos como a IV Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam) em Santo Domingo tornam-se foco de nossas atenções. Teria sido momento de acender nosso ânimo pastoral como cristãos no mundo? ou uma oportunidade para identificar alianças, tendências perspectivas novas?

Qualquer que seja o perfil da análise, o ponto de referência de CONTEXTO PASTORAL é o das minorias abraâmicas. Quer dizer, é partindo do ponto de vista de que o projeto de unidade é uma bandeira de minorias testemunhais, que se vai concretizando na história de avanços e retrocessos... Houve retrocessos em Santo Domingo? Parece que as análises não os apontam, como também não apontam os sinais claros de avanços. Fica a critério de grupos, pessoas, leitores extrair das análises a construção de sentidos comunitários mais profundos e amplos para a vida eclesial a que se referenciam.

Há outros aspectos desafiantes à unidade dos cristãos que vão além de conferências eclesiásticas. É o caso em destaque da situação da vida nas cidades e da violência. Fazem sentido para os cristãos iniciativas como as propostas pró pena de morte? Um pronunciamento do CONIC a este respeito, encerra os conteúdos desta edição.

CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais — CEBEP (Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073-120, Campinas/SP. Tel. e fax 0192-41-1459) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI (Rua Santo Amaro, 129 — 22211-230, Rio de Janeiro/RJ. Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016)

Editores
Luiz Carlos Ramos
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18481)

Editor assistente
Carlos Cunha

Diagramação
Anita Slade

Fotolito e impressão
Tipográfica Comunicação Integrada

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Tiragem
11 mil exemplares

Preço do exemplar avulso Cr\$ 7.000,00

Assinatura anual
Cr\$ 70.000,00

Assinatura de apoio
Cr\$ 100.000,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Assinatura anual: Cr\$ 70.000,00

Assinatura de apoio: Cr\$ 100.000,00

Exterior: US\$ 15,00

Número avulso: Cr\$ 7.000,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP), devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral — Rua Rosa de Gusmão, 543, Jardim Guanabara, 13073-120, Campinas/SP.

CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL

Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais — CEBEP
Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073-120, Campinas/SP.
Tel. e fax 0192-41-1459)

Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI
Rua Santo Amaro, 129 — 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.
Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016

Favor renovar assinatura de CONTEXTO PASTORAL, instrumento útil para que as pessoas de igrejas de diversas matizes se entendam melhor em benefício de um Brasil que ninguém entende mais. Com cordiais saudações.

Pe. W. Steenhouwer
Nova Iguaçu/RJ

Companheiros,

Desde o início, sou leitor assíduo e admirador da linha editorial de CONTEXTO PASTORAL. Estou certo que esta publicação tem contribuído em muito para a caminhada ecumênica e popular.

Por isso, de leitor quero passar a assinante e divulgador do trabalho de vocês. Por isso, gostaria de, a partir deste ano, receber o CONTEXTO PASTORAL.

Um grande abraço e sucesso em 93!
José Roberto Moreira
Lajes/SC

Estimados amigos do CEBEP e CEDI,

Desejo-lhes êxito e muita garra na continuidade deste informativo/formativo jornal. Aproveito para informar meu novo endereço (...)

Gilberto Damiano
Juiz de Fora/MG

Estimados amigos,

Desejando que neste ano de 93 sigam com o mesmo compromisso da construção da cidadania e da democracia, rumo ao processo de libertação, venho por meio desta renovar a assinatura de CONTEXTO PASTORAL.

Abraços!
Roque Fazzioti
Caxias do Sul/RS

Prezados senhores,

Agradecemos através da presente a remessa sistemática do excelente periódico CONTEXTO PASTORAL, que tanto contribui para evangelização da sociedade.

Sem mais, colocamo-nos à sua disposição para trabalhos futuros.

Cordiais saudações!
Eliane Potiguara
Presidente do Grupo Mulher—Educação Indígena
Rio de Janeiro/RJ

Senhores,

Não desejando qualquer interrupção no recebimento de CONTEXTO PASTORAL, estou remetendo em anexo cheque correspondente à minha assinatura (...). Oramos ao Senhor da Seara que vos abençoe ricamente nesta nobre missão de bem informar aqueles que têm a grande responsabilidade de liderar o povo de Deus.

Raul Ferreira Lima
São Paulo/SP

Desafios da realidade urbana

Herbert de Souza

Ao longo do tempo o monopólio da terra nas mãos de uns poucos e a ausência total da democratização do acesso e uso da terra foram empurrando milhões e milhões de pessoas para as cidades. Nesse tempo o Brasil era essencialmente rural. Só uma minoria vivia nas cidades. O campo, o rural era o país. À medida que a população crescia, a terra, apesar de imensa, encolhia. Sobrava gente expulsa da terra. Assim se produziu a pobreza. Este foi o chamado desenvolvimento do Brasil: acumular terras, desterrar gente. Esse é um processo que ainda não terminou mas que já mostrou todas as consequências.

Hoje, mais de 70% das pessoas vivem nas grandes cidades, se amontoam nas favelas, mocambos, alagados e tantos outros nomes que são dados à miséria. O urbano virou o espaço da maioria. As terras continuam com poucos donos. E quanta terra! As dezoito maiores propriedades rurais do País tem 18 milhões de hectares e representam o território de três países europeus juntos.

Os expulsos da terra vinham buscar novas oportunidades de trabalho, liberdade face ao senhor dos engenhos, das usinas, das grandes propriedades, os coronéis, suas famílias, seus impérios, dos donos do mundo. Fugir também do trabalho duro, do sol, da violência de um trabalho sem futuro. Fugir da terra era ao mesmo tempo perder o pouco que se tinha, escapar da opressão, buscar a liberdade, lutar por novas oportunidades. Fugir da terra era escapar da cerca e da violência de quem cerca e mata para um urbano que prometia a modernidade, onde se vislumbrava a possibilidade da cidadania. O sonho de uma trajetória do escravo para o cidadão, uma alforria econômica e política. Afinal os escravos ganharam a liberdade ao mesmo tempo que perdiam o acesso às terras. Deixavam de ser escravos para não ser nada.

Ao longo desse tempo com quantos sonhos e esperanças não chegaram nas grandes cidades as levas de famílias que foram formando as nossas favelas? Estamos falando de uma migração que deslocou um terço de nossa população de norte a sul e de leste a oeste. Primeiro nos trens da Central, depois nos caminhões e ônibus. Gente voando pelo território, perdida em sua própria terra, estrangeira falando a mesma língua. Uma corrida dos sem-terra para terra nenhuma. Das pessoas com nome, história, família, parentes, biografias para o desterrado anônimo, estranho da grande cidade. Aquele que você vê na rua mas não fala com ele, não reconhece, não tem nada a ver e no fundo teme. O estranho.

E assim foram-se compondo a miséria

urbana, a pobreza nacional, a riqueza das minorias, o corpo e a cara do Brasil. Mas também a resistência, a sobrevivência, o boomerang. Favela e favelado, povo pobre, popular, liberto, atento e disponível para mudar. Quem é capaz de largar todas as referências, pegar a família, tomar um ônibus e desembarcar em São Paulo

pregados totais, ou os trabalhadores de ruas, as crianças de rua, os netos de rua que nascem nas praças. No quadro geral, muitos os confundem com mendigos e bêbados que compõem o último e derradeiro batalhão da miséria humana.

Os prefeitos já não sabem o que fazer com sua própria população. Cercam as

terras de quase todos, agora o que fazer com todos os despossuídos? Queremos que eles não tenham nada e fiquem felizes? Que eles não saibam ler e entrem na era da informática? Violentamos todos os seus direitos, queremos agora que exerçam pacificamente sua cidadania? Matamos seus filhos, nos revoltamos agora com sua justa violência? Sequestramos todos os seus bens, queremos agora que eles esqueçam as técnicas do seqüestro que eles não inventaram?

As cidades constituem hoje o lugar do encontro de todos os desencontros de nossa história, mas é onde também se encontram a encruzilhada e a saída por meio da luta pela cidadania. A luta contra a pobreza é hoje da maioria, é democrática. A luta pelo respeito aos direitos humanos (viver, alimentar-se, morar, trabalhar, educar-se, ter saúde, liberdade, dignidade) é a prioridade da maioria.

As cidades podem, portanto, se transformar no lugar do encontro, da mobilização de todos os deserdados da terra para conquistarem um lugar ao sol, onde se dá a grande metamorfose da escravidão e marginalização para a cidadania e a democracia.

Quem souber olhar as últimas ondas de nossa história poderá perceber que uma poderosa energia transformadora abre novos caminhos para nossa sociedade. Nessa onda está o drama mas também a possibilidade de outro desfecho. Está o nó e a faca. O grito e o desafio. A morte mas também a vida. No limite é que ocorrem os partos. Já passamos muitas vezes do limite. A vida está com pressa de nascer.

Herbert de Souza (Betinho) é sociólogo e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE).



“Queremos que eles não tenham nada e fiquem felizes?”

cheio de filhos e sem um tostão no bolso, é capaz de sobreviver em qualquer Saigon. Mas vem sem referências, está disponível. Pode votar em Jânio, ou Brizola, ou Collor ou Lula, Erundina e Maluf. Pode votar e mudar. Pode aplaudir e jogar pedra, às vezes quase ao mesmo tempo.

No interior sempre votava no único senhor. Nas cidades vota em qualquer senhor ou no escravo que se apresentar em rebelião ou protesto. Lula teve 31 milhões de votos e não era o Senhor. Esse que chega não tem mais terras, não tem mais cercas, amarras, compromissos. Talvez não seja um cidadão, mas já não é mais um escravo, é uma possibilidade.

Essa massa de gente, esse burburinho, essa carência acumulada, esse heroísmo de quem aprendeu a sobreviver, esse escravo liberto vivendo ainda na miséria revela a existência hoje de três “brasis” encostados uns nos outros: o dos muito ricos ou remediados (classe média) que podem viver tendo acesso aos bens da chamada modernidade; o dos pobres, para quem sempre faltam as coisas essenciais; e o dos miseráveis, para quem falta tudo. É que as grandes cidades não mais comportam tanta pobreza e assiste aos próprios pobres se defendendo dos que ainda chegam ou perderam o pé nesse rio da vida.

Aparecem nas cidades as populações de rua, os sem-teto, sem casa, os desem-

praças públicas. As autoridades não têm mais como garantir a segurança de todos. Escolhem a quem proteger e abandonam o resto à sua própria sorte. Os ricos fecham suas ruas, condomínios e bairros. Os pobres se submetem às gangues de narcotráfico que controlam os pontos, as áreas, as favelas, os morros. A polícia no meio do tiroteio e dos dólares se violenta e se corrompe.

O Brasil, como diria Cazuza, mostra sua própria cara nas cidades e vira um tremendo desafio. Dado que tomamos as

QUEM É VIVO SEMPRE APARECE

Já dizia o velho ditado popular, com muita razão. Nós também queremos que você dê um sinal de vida. Escreva para nós, **atualizando o CEP de sua rua (ou cidade) e seus dados principais (data de nascimento, profissão, grau de escolaridade, Igreja/comunidade religiosa a que pertence)**. Dessa forma, você vai receber com muito maior rapidez seu exemplar do jornal CONTEXTO PASTORAL. E mais: com seus dados completos, nos será possível alcançá-lo com promoções e atividades superespeciais. Pra começar, um brinde está a sua espera se você responder a esse nosso pedido.

**Se você é vivo,
apareça.**
CONTEXTO
PASTORAL

Apoio aos sem-terra

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está propondo que a Igreja Católica marque "presença eclesial junto aos acampamentos" dos sem-terra e apóie organizações, movimentos e pastorais da igreja "que lutam a favor do homem no campo". Essas orientações estão no texto-base da CNBB para a Campanha da Fraternidade de 1993, que tem como tema a moradia.

A entidade recomenda o lobby junto aos secretários de habitação, deputados e senadores para aprovação do projeto-lei que prevê a criação do Fundo Nacional para Moradia Popular. O projeto é o primeiro apresentado no Congresso por iniciativa popular e quer que os grupos populares passem a gerir e controlar os programas habitacionais.

O secretário-geral da CNBB, d. Antonio Celso Queiroz, diz que a campanha de 93 é "uma denúncia profética e evangelicamente questionadora do sistema social vigente e da qualidade de vida do povo, sobretudo nas cidades". (Folha de S. Paulo, 23/1/93)

Igrejas são contra pena de morte

"As igrejas cristãs se definem contrárias à implantação da pena de morte porque acreditam que a violência não se combate com a violência, a morte não se combate com a morte, mas com a vida plena trazida por Jesus Cristo". Este é um trecho do documento que o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) divulgou a propósito de novas discussões em torno do assunto trazidas à tona pelo presidente Itamar Franco. [Ver íntegra do documento na página 12]

Para as Igrejas Católica Apos-

tólica Romana, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil, Metodista, Presbiteriana Unida, Cristã Reformada do Brasil e Católica Ortodoxa Siriana do Brasil que integram o Conic, "a pena de morte pode não existir constitucionalmente, mas extralegalmente existe na prática cotidiana de nosso País". Elas refutam também a realização de um plebiscito a respeito da implantação da pena máxima no País, "pois contraria preceitos constitucionais", além de estar sendo debatida "de modo emocional, e por isso facilmente manipulável".

Para d. Luciano Mendes de Almeida, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a adoção da pena, além de não resolver o problema da violência, aumenta também a agressividade e incute a idéia de que se pode matar por linchamento, facilitando, ainda, a agressividade policial.

Segundo ele, a solução seria a mudança na educação e conduta da sociedade. "Não é prendendo quem fez, mas sim educando para não fazer. O problema está na reeducação", disse. (Documento do CONIC; Correio Braziliense, 13/1/93)

CONIC celebra dez anos

"Dez anos de unidade: Inspiração inicial, êxitos e desafios". Este tema norteou as atividades da V Assembléia Geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), realizada no final do ano passado em São Paulo.

A reunião foi marcada por momentos de reflexão e avaliação dos dez anos de atividades, e por perspectivas de ação. "Tanto a reflexão sobre a dádiva da unidade que o Senhor deixou aos seus quanto o incentivo para

observá-la como compromisso para a vida diária das igrejas marcaram esse período", lembrou o pastor Ervino Schmidt, secretário-executivo do Conselho, acrescentando que "a constante busca de respostas evangélicas para os problemas que afligiram a sociedade brasileira, nestes anos, veio a constituir marca das atividades do Conic".

Um dos pontos altos da assembléia foi a celebração ecumênica realizada na Igreja de Santana. Na oportunidade, o Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs (Mofic) foi oficializado como representante regional do Conic em São Paulo.

Acentuando a importância da parceria e colaboração do Conic com tantas entidades ecumênicas, d. Sinésio Bohn, presidente da entidade, mostrou o serviço que as igrejas prestam à toda a sociedade. "O Evangelho não permite silêncio diante do sofrimento causado pela injustiça. Isso exige solidariedade", disse.

Como parte das comemorações, o Conic lançou um livro que reúne uma série de pronunciamentos feitos nos últimos anos relacionados ao ecumenismo, à dúvida externa e à ecologia, entre outros. (Notícias do CONIC, dezembro/1992)



Novo livro do Conic

Junta Diretiva do CLAI define tema de assembléia geral

"Renascer para uma esperança viva" foi o tema que a Junta Diretiva do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) escolheu para a próxima assembléia geral da entidade, em reunião realizada no fim do ano passado em Buin, Chile. Entre os eixos temáticos, incluem-se: ecumenismo e unidade da Igreja; evangelização; defesa e promoção da vida; e justiça, paz e esperança solidária.

Outra decisão importante foi a constituição da Comissão de Meio Ambiente, que será responsável pela preparação de materiais de reflexão e informes sobre a situação ambiental e a responsabilidade das igrejas.

Ao final da reunião, foi preparado um documento às igrejas e organismos-membros do Clai. Intitulado "Carta de Buin", ele expressou preocupação com a crise econômica e social que afeta muitos países do Continente. "O Estado não pode fugir à responsabilidade pela busca de uma distribuição mais equitativa da riqueza, pela solução do grave problema da pobreza e pelo controle dos efeitos na economia sobre o meio ambiente e sobre a qualidade de vida de todos os setores da sociedade", destaca a nota.

A parte final da Carta de Buin desafia as igrejas a que "assumam sua identidade latino-americana e a responsabilidade que as envolve como parte do Continente na luta pela vida. Como Jesus, as igrejas estão chamadas a viver na sociedade latino-americana 'não como quem se senta à mesa', mas 'como aquele que serve'".

DENTRO DO CONTEXTO

Sexualidade — I

Apesar de duras críticas e censuras sofridas por parte de setores conservadores de igrejas evangélicas, já está na segunda edição o livro "Liberação e Sexualidade", de autoria do politólogo e pastor anglicano Robinson Cavalcanti. Co-editado pela Editora Temática e Cebep, o livro aborda com seriedade o tema da sexualidade, rompendo com a análise moralista e trazendo uma abordagem multidisciplinar. Os interessados podem contatar o Cebep — Rua Rosa de Gusmão, 543, 13073-120, Campinas, SP, tel.: (0192) 41-1459.

Sexualidade — II

De 5 a 8 de maio vai acontecer em Vinhedo (SP) o Seminário "Liberação e Sexualidade". O encontro será assessorado por Paulo Cesar Botas e Robinson Cavalcanti. Informações e inscrições no Cebep.

Presidencialismo x Parlamentarismo

Com a proximidade do plebiscito que vai decidir sobre a forma e o sistema de governo a serem adotados no País, é importante que sejam socializados conceitos e informações. A Revista Tempo e Presença (Cedi), em sua edição n. 267 (janeiro-fevereiro/93) traz rico material, incluindo depoimentos de personalidades políticas do País.

"Bispo" incendiário

Como se não bastasse charlatanismo, curandeirismo e vilipêndio a culto religioso, mais uma acusação pesa sobre os ombros do "bispo" Edir Macedo: ser o mandante do incêndio criminoso que destruiu totalmente as instalações do estúdio da Rede Record de Rádio e Televisão para receber seguro: a bagatela de Cr\$ 18 bilhões. (O Estado de S. Paulo 27/1/93)

Bruxa ou fada

"Mulher: Bruxa ou fada" é o tema do seminário que o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep) e o Centro de Educação e Assessoria Popular (Cedap) promovem em Campinas nos dias 27 e 28 de março. Os três principais tópicos a serem abordados são: Mulher na história da Igreja (Duncan A. Reilly); Mulher na Idade Média (Gladis Gassen); e Mulher e Sexualidade (Rosemarie Muraro). A taxa de inscrição, que inclui hospedagem e alimentação, é de Cr\$ 250.000,00. Maiores informações: Cebep (tel.: 0192-411459).

Bom motivo

Jean-Bertrand Aristide, presidente deposto do Haiti, decidiu abandonar a Igreja Católica e incorporar-se ao clero anglicano da diocese de Long Island (Estados Unidos), segundo notícia da Agência de Informação Católica Ibero-Americana (Icia). O presidente deposto tomou essa decisão porque a Igreja Católica não lhe permitia o exercício do poder político, enquanto para a Igreja Anglicana é possível compatibilizar a missão pastoral e a tarefa política. (Rápidas, novembro/1992).



O itinerário das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano

J. B. Libânia

As Conferências Episcopais têm representado na história latino-americana como um termômetro da caminhada da Igreja Católica. No Rio (1955) manifesta-se pela necessidade do crescimento do clero, fortalecimento da ação educadora contra adversários (maçons, protestantes, espíritas e outros). Em Medellín (1968), lá a realidade (análise marxista), combate o capitalismo e volta-se para os pobres. Puebla (1979) critica o capitalismo liberal e o marxismo coletivista, mas reconhece "o escândalo de um continente cristão ser tão injusto". Por fim, Santo Domingo (1992) repreSENTA as pressões da hierarquia, mesmo assim, vê a face dos oprimidos como a face de Deus e abre caminhos para a evangelização da cultura. De 55 a 92, uma caminhada que J. Libânia analisa ricamente de forma sucinta.

A Conferência do Rio de Janeiro (1955)

Em seguida ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro em 1955, reuniu-se a primeira Conferência Geral do Episcopado da América Latina com a presença de 120 prelados de mais de 20 nações e 350 circunscrições eclesiásticas.

A pauta da Conferência foi estabelecida por Pio XII, que propôs como temas prioritários a escassez de clero e a preocupação apologética com novos métodos de apostolado — rádio e imprensa — para enfrentar as insídias maçônicas, a propaganda protestante, as múltiplas formas de laicismo, superstição e espiritismo, que encontram na ignorância religiosa campo propício de difusão. Enfim, indicou também a necessidade da presença da Igreja no campo social para contrapor-se à divulgação de doutrinas perversas anti-religiosas sob o pretexto da justiça social.

A Declaração Final da Assembléia insistia na promoção vocacional, na instrução religiosa para enfrentar os inimigos da fé e numa tímida preocupação social por causa da profunda e rápida transformação das estruturas sociais da América Latina, com o consequente perigo da ausência do espírito cristão. Fez-se breve alusão à obra das missões entre os indígenas.

O fruto permanente que resultou dessa conferência foi a fundação do Conselho Episcopal da América Latina (Celam) com sede em Bogotá. É um órgão permanente que desenvolve para o episcopado do Continente inúmeros serviços de assessoria, organização de reuniões regionais, cursos, estudos, seminários, etc.

A Conferência de Medellín (1968)

Somente treze anos depois, a Conferência de Medellín (1968) modifica radicalmente

a problemática, fundamentalmente por duas razões. Nesse interim acontece o Concílio Vaticano II (1962-1965) que provocou profundas transformações na Igreja, e a realidade social da América Latina tornou-se tão grave que sacudiu a consciência da Igreja do Continente.

Paulo VI convocou a Conferência de Medellín para aplicar o Concílio à América Latina, já que as igrejas aqui, despreparadas, apenas tinham iniciado o confronto com a modernidade triunfante. Entretanto, resultou algo extremamente original e audaz.

Medellín inverte radicalmente o movimento eclesiástico iniciado no Rio. Lá era a preocupação com o clero que ia sanar a ignorância religiosa e defender o povo dos inimigos da fé. Aqui se opta pela transformação da sociedade a partir dos pobres em busca de um desenvolvimento integral e da libertação.

Mesmo em relação ao Concílio Vaticano II, Medellín marca sua distância. Aquela se preocupava em falar ao homem moderno do Primeiro Mundo, enquanto este se volta para o homem latino-americano, pobre, marcado pela opressão e pelo desejo de libertação.

Medellín faz a Igreja mergulhar na luta do povo. Ajuda-a a descobrir a riqueza da Palavra de Deus lida a partir da realidade popular nos círculos bíblicos, auxiliados pela metodologia de Carlos Mesters. Nascem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Nelas surgem novos ministérios, leigos e populares.

A Igreja assume uma posição profética de compromisso com a luta dos pobres por sua libertação. Isto lhe valeu perseguições, sofrimentos e até o martírio de muitos agentes de pastoral. E tornou-se símbolo dessa Igreja comprometida com a libertação dos pobres até o dom da vida.

A Conferência de Puebla (1979)

A Conferência de Puebla reafirma a linha fundamental de Medellín da opção pela libertação dos pobres, sujeitos do processo na sociedade e na Igreja. Acrescenta, quase no mesmo nível, uma opção pelos jovens, que, porém, não vingou de maneira expressiva.

A opção pela libertação em Puebla amplia-se no sentido de envolver a defesa da pessoa humana, uma ação com os construtores da sociedade pluralista, rejeitando qualquer modelo totalitário, não participativo, excludente, segregador. Insiste no binômio da comunhão e participação. Prossegue o mesmo tom crítico-profético de Medellín, traçando um quadro terrível das opressões e agressões aos direitos fundamentais da pessoa humana e sobretudo dos pobres. Faz sobre a realidade um juízo religioso, condenando de idolatria o capitalismo liberal (n.51, 403), o marxismo coletivista (n.404) e a ideologia da segurança

nacional (n.408). As expressões mais fortes são contra o escândalo de um continente cristão ser tão injusto socialmente (n.28, 306, 330, 452, 487).

Medellín deixara, de certo modo, o campo aberto a um direcionamento na linha socialista. O uso da análise marxista, quer de maneira rígida, quer em alguns de seus elementos mais significativos, ocupa espaço em reflexões teológicas e práticas pastorais. Puebla, por sua vez, depois dos anos de debates sobre a presença marxista na Igreja, assume uma posição de resistência e de admoestação (n.91, 544, 545).

Por ocasião da preparação de Puebla, inicia-se um processo, que então parecia suspeito e que agora se revela promissor, de orientar a reflexão teológica e a ação pastoral para o campo da cultura. Naquela época via-se como problema fundamental o impacto negativo da cultura moderna "adventícia" sobre a religiosidade popular. Relegava-se para segundo plano a questão da análise socioestrutural da realidade e a sua transformação. Contudo a Conferência de Puebla conservou a análise socioestrutural da realidade. Encaminhou a questão da evangelização da cultura num contexto mais amplo e rico.

Na cristologia e eclesiologia, houve recuo em relação à tradição de Medellín. Afasta-se de uma cristologia do Jesus da história para uma cristologia mais dogmática, e insiste-se na instituição hierárquica em oposição à "Igreja que nasce do povo".

Conferência de Santo Domingo (1992)

É ainda cedo para falar do futuro de Santo Domingo. Apenas iniciamos sua era. Numa primeira análise, ainda muito próxima dos fatos e sem a distância necessária, podem-se aventurar conclusões preliminares.

O processo. O processo da Conferência foi triste retrocesso a respeito da experiência colegiada dos bispos da América Latina no sentido de não se buscar a superação das divergências pelo diálogo em busca do consenso, mas por meio de intervenções autoritárias.

A dinâmica já fora pré-estabelecida. Conferências não pedidas nem desejadas foram ministradas. Os textos anteriores não foram considerados, a metodologia do ver-julgar-agir fora proscrita. Uma comissão de redação já anteriormente definida, salvo um membro que foi sugerido pelo plenário, exerceu uma função coibidora. A escolha dos assessores não refletiu a real teologia praticada no Continente.

A sombra do Papa, mais pesada que sua própria pessoa tão livre e pastoral, coibiu as liberdades dos bispos, fazendo-os repetir umas 168 vezes citações literais do Papa. E nem sempre as mais audazes.

O processo foi um sofrido jogo de cartas

marcadas, com espaço restrito de liberdade, criatividade, espontaneidade. Faltou ambiente para livre e corajosa discussão. Pairava um medo diluído que embargava iniciativas mais ousadas. Quanto ao processo, situava-se no pólo oposto de Medellín e mais próximo de Puebla, onde também não faltaram restrições sobretudo a respeito dos assessores.

O documento. É admirável que apesar de tal processo o documento tenha elementos suficientes para prosseguir a caminhada inaugurada em Medellín, como ele mesmo se propõe (n. 1, 302, 303).

O ponto central da continuidade é a "evangélica e renovada opção pelos pobres". Em bela página, define os rostos dos pobres com novos traços além dos de Puebla (n. 178), descobrindo neles o rosto do Senhor, a desafiar os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Faltou, evidentemente, uma dimensão social de conversão, revelando assim tonalidade diferente da tradição Medellín-Puebla.

As CEBs fazem-se presentes como fonte viva da Igreja. Entretanto, perdem algo de sua originalidade, ao serem configuradas como subdivisões paroquiais e não na sua forma de "novo modo de toda a Igreja".

O documento padece de certa ambigüidade em torno do tema da libertação, ao evitá-lo o quanto possível, ao adjetivá-lo enfraquecedoramente, ao substituí-lo por outros (reconciliação, promoção). Entretanto, não elimina a temática que aparece sobretudo no capítulo segundo da promoção humana sob a categoria bíblica dos sinais dos tempos e no conflito entre a cultura de vida e a cultura de morte.

Conclusão: o imaginário social. Santo Domingo rasga caminhos novos com a evangelização da cultura, com o reforço sobre a luta da cultura de vida contra a de morte, com o aprofundamento da opção pelos pobres na pessoa dos miseráveis e excluídos que aumentam em nosso continente, com a contraposição mais clara e explícita entre participação e exclusão.

Com estes traços se reforça e amplia o imaginário social de Medellín-Puebla. A caminhada da Igreja dos pobres recebe novo vigor e novo apoio.

Na linha utópica, Santo Domingo desenha no horizonte o sonho da Pátria Grande latino-americana, ao incentivar a solidariedade entre os países e as igrejas da América Latina e Caribe.

O destino de Santo Domingo dependerá, em última análise, da maneira como a Igreja da América Latina venha a assumir e interpretar este evento eclesial dentro de sua caminhada. O processo já está em andamento. O futuro nos dirá.

J. B. Libânia é sacerdote jesuíta e autor de diversos livros, como *O que é pastoral* (Ed. Brasiliense).

De Medellín a Santo Domingo — perspectivas para o ecumenismo

José Oscar Beozzo

A dimensão ecumênica em Medellín, após a abertura propiciada pelo Concílio Vaticano II, foi vivida, com emoção, quase como festa de reencontro, após séculos de separação. Ela culminou com uma eucaristia final partilhada por todos, católicos, evangélicos, ortodoxos.

Em Santo Domingo, não se repetiu nem o clima festivo, e muito menos a concelebração com intercomunhão. Nem por isso deixou o ecumenismo de ser um tema crucial para a IV Conferência do Episcopado Latino-Americano.

A composição da delegação ecumênica

Nessa assembléia, com o dobro de participantes com direito a voto, em relação à de Medellín, o número de observadores não-católicos foi reduzido de onze para apenas cinco: Emilio Castro, então secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), pastor da Igreja Metodista do Uruguai, que, porém, não compareceu, ao ser convidado a título pessoal e não institucional; Julio Cesar Holguin, bispo anglicano da República Dominicana; Ricardo Pietrantonio, da Igreja Evangélica Luterana Unida da Argentina; Edgar Moros Ruano, reitor do Seminário Teológico Presbiteriano e Reformado da Grande Colômbia; e Maximos Aghiorgousis, bispo ortodoxo da Diocese de Pittsburgh nos Estados Unidos.

O número não foi diferente do de Puebla quando o ecumenismo no âmbito do Celam já entrava numa estratégia de baixo perfil. É diferente porém a composição da delegação:

Em Puebla todos os cinco procediam da América Latina, dos quais três eram evangélicos, um ortodoxo, o exarca para a América Central, e um judeu, o secretário do Congresso Judaico Latino-Americano. Em Santo Domingo, com a ausência de Emilio Castro, a delegação dos observadores ficou reduzida a quatro pessoas, uma das quais, o observador ortodoxo, procedia dos Estados Unidos. Deixou de ser convidado o representante judaico e acrescentou-se outro evangélico, de uma das igrejas ausentes de Puebla, a Presbiteriana.

O convite ao secretário-geral do CMI podia significar a escolha do interlocutor romano no diálogo ecumônico, confirmado uma das tendências desta assembléia: o peso preponderante de Roma na sua preparação e realização. Trocava-se assim o interlocutor normal, em âmbito latino-americano, que seria o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) pelo CMI. Ou teria sido esta a forma elegante de se excluir uma representação do Clai, com quem o Celam tivera um atrito a propósito das comemorações dos 500

Anos? Foi uma perda, porém, que uma pessoa de tão larga experiência ecumênica e da estatura espiritual e moral de Federico Pagura, presidente do Clai, não fosse convidada para Santo Domingo. Outra alternativa seriam convites a pessoas envolvidas nos dois conselhos ecumênicos do Continente, nos quais está presente a Igreja Católica, como um dos membros: o Caribbean Council of Churches (CCC) para o Caribe ou o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) para o Brasil.

Ecumenismo na preparação e abertura da Assembléia

Entre os indícios de uma política oficial de perfil mais baixo para o ecumenismo estão os documentos preparatórios e o discurso inaugural do papa.

Dentre os três documentos oficiais prévios à Assembléia, o "Elemento de Reflexão" (ER - 1990), o de "Consulta" (DC - 1991) e o de "Trabalho" (DT - 1992), o melhor, foi inegavelmente o último, mas que permanece não apenas insuficiente como inaceitável em sua escassa abordagem do tema ecumônico, reduzido a dois parágrafos (290-299). O primeiro registra a existência de um diálogo que se desenvolve com grupos "não-católicos" de diversa índole, e o segundo assinala as dificuldades e ambigüidades do diálogo. Citamos textualmente:

O diálogo ecumônico na América Latina, afora alguns casos excepcionais, está condicionado às circunstâncias que o tornam particularmente difícil e ambíguo, devido à intenção, métodos e atitudes negativas de certos grupos para com a Igreja Católica. (DT 199)

Nos dois números sobre a Bíblia (195-196), não é lembrada a fecunda colaboração ecumênica, em traduções, comentários, como o "Comentário Bíblico" editado conjuntamente por duas editoras evangélicas — a Sinodal da IECLB e a Imprensa Metodista — e uma católica, a Vozes; em centros de formação como o Centro Ecumônico de Estudos Bíblicos (Cebi), o Departamento Ecumônico de Investigações (DEI) de Costa Rica ou o Centro Ecumônico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep).

No discurso inaugural do papa, na abertura da IV Conferência, não há sequer uma saudação ou alusão à presença dos observadores das outras igrejas cristãs, portanto ali presentes como convidados. No discurso inaugural de Puebla estava ausente também a saudação, mas a presença e o papel dos observadores foram assinalados ao final do discurso.

Nenhuma vez, no discurso de Santo Domingo, é invocada a dimensão ecumônica como parte integrante da "nova

evangelização", como reafirmara recentemente o próprio papa, em discurso ao Sínodo de Roma, numa calorosa saudação à delegação ortodoxa ali presente: "[...] demo-nos conta de quanto a nova evangelização é tarefa de todos os cristãos e de quanto depende disto a credibilidade das Igrejas na nova Europa". Agregava ainda o pontífice que o convite para estarem ali presentes exprimia "a solicitude do Sínodo pela busca da plena unidade entre os cristãos, a qual é uma prioridade na pastoral da Igreja do nosso tempo e, em particular, na do bispo de Roma". Acrescentava ainda que "o intento ecumônico não provém de uma iniciativa pastoral contingente, mas da vontade mesma de Cristo" (Discurso de João Paulo II aos participantes do Sínodo Romano, 27/06/92 — in *L'Osservatore Romano*, n. 27 — 5/07/92, p. 4 (368)).

A ausência de acolhida e de reafirmação da vontade ecumônica da Igreja Católica no campo da evangelização foi inversamente agravada por um longo parágrafo dedicado aos "lobos rapaces" que assediavam o rebanho na figura das "seitas" e dos "movimentos pseudo-espirituais" cuja expressão e agressividade urge afrontar". (DI 12)

Estes fatos, aliados à recente Carta da Congregação para a Doutrina da Fé sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão (1992), em que o ecumenismo perde muito do frescor e do élan do Concílio Vaticano II, prognosticavam um difícil caminho para as questões ecumênicas durante a IV Conferência.

O ecumenismo nos trabalhos da Assembléia

Os acontecimentos, durante a Assembléia, seguiram dois cursos distintos: um derivado desse clima praticamente anti-ecumônico que se instalou em diversos setores da Igreja Católica, a pretexto do proselitismo e agressividade das "seitas"; e outro, proveniente dos que estavam sinceramente empenhados em construir a unidade e alargar o campo do ecumenismo para novos horizontes, em que pesem inegáveis dificuldades e obstáculos.

O clima adverso acabou espelhando-se no sentimento de alguns dos observadores que, em determinado momento, pensaram em abandonar a Conferência, onde sua presença parecia mais bem tolerada do que bem-vinda. Espelhou-se no conflito surgido na Comissão 8 que devia, paradoxalmente, ocupar-se de "Ecumenismo, Diálogo Inter-Religioso, Seitas e Novos Movimentos Religiosos". Na impossibilidade de entender-se, dividiram-se os integrantes em duas comissões: uma dedicada ao ecumenismo e ao diálogo, e

Verbo Filmes



O plenário da IV Celam

outra às seitas e novos movimentos religiosos. Espelhou-se ainda na surda oposição de um grupo, pequeno mas influente, a qualquer proposta de colaboração ecumônica, notadamente na Comissão 22 de Ecologia, de que a Conferência "assumisse ecumericamente as linhas do programa 'Justiça, Paz e Integridade da Criação' do Conselho Mundial de Igrejas".

Um segundo curso, derivado da positiva experiência ecumônica em diversos países e setores das Igrejas, nestes últimos trinta anos, desembocou numa consciência mais viva dos novos desafios ao compromisso ecumônico na América Latina e no Caribe que pediam uma reformulação dos conceitos e das práticas vigentes.

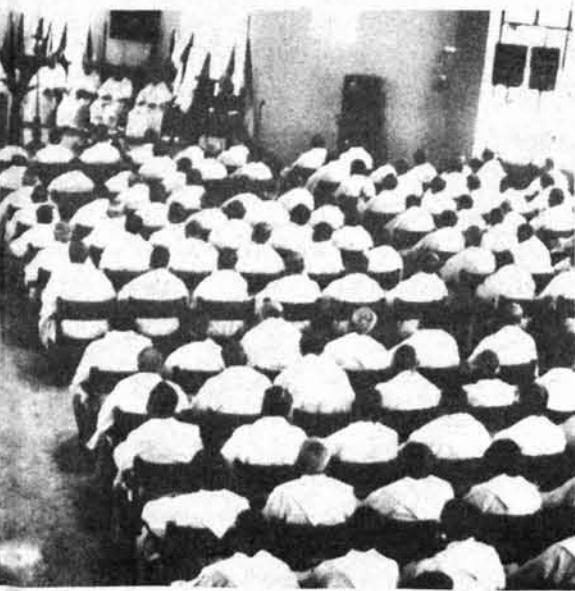
Este novo curso afirmou-se em várias das trinta comissões temáticas, em que os participantes estiveram divididos. Em que pese a atribulada trajetória dos textos ali produzidos, os referentes ao ecumenismo lograram ampla aprovação no documento final da Conferência. As propostas relativas ao ecumenismo podem ser encontradas em três diferentes blocos de textos e alinhadas em três diferentes perspectivas:

- As que se encontram nas nove comissões que integraram o bloco da "Promoção Humana" (157-209).
- As presentes nos resultados da Comissão 8 de Ecumenismo (132-138).
- As que emergem da Comissão 26: "Unidade e pluralidade das culturas: Culturas Indígenas, Culturas Afro-americanas, Culturas Mestiças (243-251).

Comissões de "Promoção Humana"

A perspectiva das Comissões de Promoção Humana (ns. 157-209) é a de uma igreja centrada no serviço a todos os homens e por isso mesmo ecumenicamente situada, na luta pela vida e pela dignidade das pessoas, a partir dos mais pobres e das grandes maiorias excluídas. Igreja aberta à cooperação com outras igrejas,

instituições, movimentos sociais e todos os homens e mulheres de boa vontade, empenhada, a partir da sociedade civil, na consecução de uma democracia pluralista, justa e participativa.



Isto coloca o ecumenismo no horizonte mais amplo possível, no empenho pela vida em todas as suas dimensões, vida tão diminuída e ameaçada, sem colocar nem barreiras nem fronteiras para a cooperação nos esforços humanos pela justiça, pela paz, pela preservação da criação.

“Ecumenismo, Diálogo Inter-religioso, Seitas e Novos Movimentos Religiosos” (Comissão 8)

A Comissão de Ecumenismo viveu um processo conflitivo que levou à constituição de duas comissões separadas, uma ocupando-se do ecumenismo e do diálogo religioso e outra de seitas e de novos movimentos religiosos. A de ecumenismo situou-se numa visão mais clássica em sua primeira parte. Em tempos de hesitações e recuos na caminhada ecumênica não deixam, porém, de ser importantes as propostas de:

- reafirmar o ecumenismo como “prioridade pastoral” da Igreja de nosso tempo;
- consolidar o espírito e o trabalho ecuménicos;
- aprofundar as relações de convergência e diálogo com as Igrejas que rezam conosco o Credo Niceno-Constantinopolitano;
- intensificar o diálogo teológico ecumônico;
- incentivar a oração em comum pela unidade dos cristãos;
- promover a formação ecumênica nos cursos de formação dos agentes de pastoral, principalmente nos seminários;
- incentivar o estudo da Bíblia entre os teólogos;
- manter e reforçar programas e iniciativas de cooperação conjunta no campo social e na promoção de valores comuns.” (135).

Numa segunda parte, apontou o desafio de se “iniciar um diálogo religioso com as religiões não-cristãs presentes no nosso continente, particularmente as in-

dígenas e afro-americanas, durante muito tempo ignoradas e marginalizadas”, apresentando “a existência de preconceitos e incompreensões como obstáculo para o diálogo”. (137)

Entre as propostas para intensificar o diálogo são relacionadas:

- alenar uma mudança de atitude de nossa parte, deixando para trás preconceitos históricos para criar um clima de confiança e aproximação;
- promover o diálogo com judeus e muçulmanos;
- aprofundar entre os agentes de pastoral o conhecimento do judaísmo e do islamismo;
- animar entre os agentes de pastoral o conhecimento das outras religiões e formas religiosas presentes no Continente;
- buscar ações em favor da paz e da promoção e defesa da dignidade humana, assim como a cooperação na defesa da criação e do equilíbrio ecológico, como uma forma de encontro com outras religiões;
- buscar ocasiões de diálogo com as religiões afro-americanas e com os povos indígenas, atentos para nelas descobrir as ‘sementes do Verbo’ [...] (138)

As propostas acima contidas refletem a situação de áreas predominantemente indígenas ou afro-americanas ou ainda de ilhas do Caribe com populações vindas da Índia (Trinidad e Tobago) ou Indonésia (Suriname) e majoritariamente muçulmanas. Reflete também a realidade de um ecumenismo que começa a ganhar um rosto latino-americano e caribenho, tateante em passos e formulações por vezes hesitantes ou restritivas, como na conclusão do parágrafo 138 em que a proposta de diálogo e convite para descobrir as sementes do Verbo nessas religiões conclui: “[...] evitando qualquer forma de sincretismo religioso” (138). Sem sincretismo dificilmente haverá iniciação real e profunda. Havia pois que retomar o sentido primeiro da palavra, livrando-a da carga negativa que a ela foi acrescentada.

Diante da diversidade étnica, cultural e religiosa do Continente

As propostas mais abrangentes que implicam uma reformulação da concepção do próprio ecumenismo, emergiram da Comissão 26, encarregada do tema: “Unidade e pluralidade das culturas indígenas, afro-americanas e mestiças”. (243-251)

A Comissão, contrastando com a insistência de Puebla no “radical substrato católico da América Latina”, parte do reconhecimento da realidade pluriétnica e pluricultural do Continente:

Nele convivem povos aborígenes, afro-americanos e mestiços, descendentes de europeus e asiáticos, cada qual com sua própria cultura que os situa em sua respectiva identidade social, de acordo com a cosmovisão de cada povo [...] (244)

Reconhece a alta significação dos valores humanos cultivados pelos povos in-

Este “des-centramento” do ecumenismo dos quadros estreitos das relações

Institucionais entre Igrejas cristãs, para re-situá-lo no eixo das preocupações com a vida concreta dos empobrecidos, nas suas demandas por pão, terra, trabalho, dignidade, cidadania e ainda no horizonte das culturas concretas do Continente, abre perspectivas novas e promissoras

uma iniciação da Igreja, para alcançar uma maior realização do Reino (248).

Em relação aos afro-americanos, afirma o documento que a Igreja, na sua missão evangelizadora “consciente do problema da marginalização e do racismo que pesa sobre a população negra, quer participar dos seus sofrimentos e acompanhá-los em suas legítimas aspirações em busca de uma vida mais justa e digna para todos.” (249).

Seguem-se as propostas:

- Por isto mesmo, a Igreja na América Latina e no Caribe quer apoiar os povos afro-americanos na defesa de sua identidade e do reconhecimento de seus próprios valores; como também ajudá-los a manter vivos seus usos e costumes compatíveis com a doutrina cristã”. (Discurso do Papa João Paulo II aos afro-americanos em Santo Domingo).

▪ Do mesmo modo nos comprometemos a dedicar especial atenção à causa das comunidades afro-americanas, no campo pastoral, favorecendo as manifestações religiosas próprias de suas culturas.

- Desenvolver a consciência da mestiçagem, não só racial mas cultural, que caracteriza as grandes maiorias em muitos de nossos povos, pois está vinculada com a iniciação do Evangelho. (249)

Em termos de promoção humana das etnias, propõem os bispos:

Para uma autêntica promoção humana, a Igreja quer apoiar os esforços que fazem estes povos para serem reconhecidos como tais pelas leis nacionais e internacionais, com pleno direito à terra, a suas próprias organizações e vivências culturais, a fim de garantir o direito que têm de viver de acordo com sua identidade, com sua própria língua e seus costumes ancestrais e de relacionar-se com plena igualdade com todos os povos da terra. (251).

Conclusão

Este “des-centramento” do ecumenismo dos quadros estreitos das relações institucionais entre igrejas cristãs, para re-situá-lo no eixo das preocupações com a vida concreta dos empobrecidos, nas suas demandas por pão, terra, trabalho, dignidade, cidadania e ainda no horizonte das culturas concretas do Continente, abre perspectivas novas e promissoras. Ficam aqui e ali percalços e incoerências, frutos de posições conflitantes, mas que não comprometem as aberturas e avanços propostos para a caminhada ecumênica.

Neste sentido, Santo Domingo deixa um saldo positivo nas orientações para um ecumenismo que ultrapasse as relações entre as igrejas cristãs, tornando-se cultural, social e religiosamente situado ante os desafios dos povos todos da América Latina e do Caribe, com suas culturas, religiões e luta quotidiana por identidade e dignidade, por vida e justiça.

E o povo queria se expressar

Ana Maria Tepedino

A IV Conferência Episcopal Latino-Americana (Santo Domingo, República Dominicana, de 12-26 de outubro) teve como moldura duas celebrações, nas quais o povo de Deus, ausente do recinto da Conferência, conseguiu se expressar por meio de celebrações vivas e participadas, em que era quase palpável o Espírito de Deus, que renova todas as coisas. "O Espírito sopra onde quer e não sabemos de onde vem e para onde vai" (Jo 3.18).

A primeira moldura foi a Vigília do Perdão e da Reconciliação, realizada no monumento com a estátua de Montesinos, único monumento às escuras na cidade, enquanto todos os demais estavam feericamente iluminados.

Um grupo de cristãos, leigos e leigas, religiosos e religiosas, povo das comunidades, jornalistas estrangeiros, pessoas solidárias com o sofrimento do povo participaram da liturgia com indígenas do México, Canadá e Guatemala. Os profetas Montesinos, Bartolomé de las Casas, Juan del Valle estavam presentes nos frades e irmãs da ordem de São Domingos. Também presente o clamor dos grupos afro-americanos, do ecumenismo e das mulheres. A celebração foi bastante rica em símbolos, gestos, cantos e cor local. Essa vigília aconteceu no dia 11, à noite. Nesse dia, pela manhã, o papa havia celebrado missa no Faro a Colón, monumento faraônico que para ser construído desalojou 50 mil famílias, e provocou uma grande e forte reação popular, que por isso não compareceu em massa à celebração eucarística, apesar de ter até condução gratuita.

Episcopado latino-americano fortalecido

A IV Conferência do Episcopado Latino-Americano se iniciou no dia seguinte, segunda-feira. Os bispos logo perceberam que a dinâmica era muito fechada, com pouco espaço de participação e de contatos entre eles. Por isso, começaram a lutar para modificar a dinâmica, de modo que pudessem reunir-se em comissões para colocar em comum seus problemas pastorais e fazer emergir a face real da Igreja latino-americana. Começaram a se reunir, também, por conferências episcopais, buscando seus pontos comuns. Em consequência, um dos pontos positivos da reunião foi o fortalecimento do episcopado latino-americano como corpo, que se afirmou e fortaleceu. Da mesma forma, cada episcopado nacional saiu enriquecido, pois cada noite se reunia em seu respectivo hotel, para pensar um

pouco a respeito do dia seguinte. Nesse momento, havia também oportunidade de se comunicarem e trocarem idéias com seus assessores.

No primeiro domingo, alguns bispos foram celebrar em paróquias e capelas. Foi uma festa para as comunidades. Experimentaram que os bispos se tornaram irmãos e mantiveram com elas um caloroso diálogo, pedindo que continuassem a ser "voz dos sem voz", e que não abandonassem os pobres. Esse encontro for-

das comissões e trabalhar em plenário para produzir o documento final. Esse documento, que depois de votado pelos prelados presentes foi levado ao papa, antes de ter sua forma final aprovada, recolheu partes de uma reflexão mais romana e outra mais latino-americana.

A parte teológica mais importante é a teologia dos sinais dos tempos, que apresenta os desafios da realidade latino-americana à Igreja: a questão dos direitos humanos, considerados não apenas individualmente, mas socialmente e como povos, por exemplo, os direitos humanos dos povos indígenas; as questões a respeito do trabalho, da ecologia, da terra, das migrações, as consequências do neoliberalismo, do empobrecimento, da nova ordem econômica e da integração latino-americana. Esta parte, a da Promoção Humana, é a melhor do documento. Os novos sujeitos eclesiás se fazem presentes — afro-americanos, indígenas e mestiços — e se reconhece a necessidade de uma nova metodologia de aproximação a estes povos, que deverá ser a inculturação. Este item sobre a inculturação da fé também demonstra a preocupação dos bispos com a pastoral urbana, a pastoral das grandes cidades, e com os meios de comunicação social.

Portanto, poderíamos dizer que aqui aparecem dois eixos do documento: a questão dos direitos humanos, percebidos a partir dos pobres; a questão das diferentes culturas indí-

genas, afro-americanas, mestiças, assim como também as contribuições culturais dos leigos — mulheres, jovens e crianças.

Opção pelos pobres confirmada

A única vez que o documento fala em opção é pelos pobres, que dessa maneira é reafirmada e confirmada como a opção da Igreja latino-americana, em continuidade com Medellín e Puebla. Como linhas pastorais prioritárias enfatizam-se de modo especial os leigos, e dentre estes os jovens. A vida e a família também se encontram entre as linhas prioritárias.

Na última noite da Conferência, na praça Bartolomé de las Casas, em frente ao convento dos frades da ordem dominicana, onde Frei Bartolomé proferiu seu célebre discurso de condenação da violência perpetrada contra os indígenas, realizou-se a outra parte da moldura da experiência de Santo Domingo. Foi uma celebração eucarística convocada pelas comunidades de base, com participação de muitas paróquias e concelebrada por doze sacerdotes e dois bispos. O celebrante principal era um sacerdote do Zaire, que por solidariedade com seu povo vindo como escravo em outras épocas, optou por viver e trabalhar com o povo da República Dominicana. Também participou um sacerdote católico, indígena zapoteca, que trouxe sua simbologia de cores e a importância dos pontos cardeais para sua cultura. A celebração foi muito rica em símbolos e músicas, pedidos de

perdão e sinais de reconciliação. Celebrava-se a festa de resistência dos povos sofridos do continente latino-americano e do Caribe. Nossos mártires foram recordados, especialmente os últimos: — d. Oscar Romero e os jesuítas de El Salvador —, os quais foram homenageados com uma linda música, que cortou a noite dominicana na voz de um jesuíta que cantava seus irmãos massacrados. O sangue dos mártires gera e nutre os seguidores e seguidoras de Jesus. Saímos dessa celebração revitalizados pela força do Espírito que nos enviou de volta às nossas realidades, pois havia ali pessoas de doze países, como mensageiros da Boa-Nova, fortalecidos na fé, na esperança e no amor.

Ana Maria Tepedino é teóloga, professora da PUC/RJ e Universidade Santa Úrsula, e assessora do Projeto Mulher e Teologia (Isr).



O povo das comunidades deve continuar sendo "voz dos sem voz"

Murilo Santos

Carta a Karl Barth

Claudio Ribeiro

A partir de seu trabalho como pastor metodista na Baixada Fluminense — região marcada por elevados índices de pobreza, miséria e violência —, o autor escreve uma carta ao grande teólogo Karl Barth. Questões como gratuidade, envolvimento político, Palavra de Deus, ministério pastoral e outras são abordadas de forma apaixonada

Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. (Apocalipse 22.1-2)

Prezado Karl Barth,
Escrevo-lhe com alegria, procurando atenuar a distância existente entre nós. Gostaria de tê-lo conhecido melhor nos tempos do seminário. Todavia, alguns de seus rastros têm sido um incentivo, uma luz.

Continuo trabalhando na Baixada Fluminense — oito anos convivendo com as comunidades metodistas e com o povo daqui! Quando começamos — eu entrei anos depois — guardava-se a expectativa de muitas novidades: uma espécie de “belle époque” das igrejas, do metodismo, da política. Imagino que você tenha experimentado isto também.

Conseguimos reunir um pequeno grupo de pastores, algumas pastoras e leigos. Falávamos sempre de política e da realidade — confesso que às vezes achávamos que o povo não as enxergava —, ensinávamos, os púlpitos pareciam palanques. Queríamos trazer Deus para o povo e por isso nos esforçávamos, esticando nossas mãos para alcançá-lo.

E fomos perseguidos...

Esta é uma grande verdade! Fomos e temos sido perseguidos (não estou considerando as dificuldades eclesiásticas: os atropelos institucionais, o oportunismo clerical, a burocracia e a limitação da estrutura da igreja — sobre isso, posso lhe contar em outra carta).

Estou falando sobre o Espírito Protestante. Ele tem estado presente todos estes anos, atormentando, questionando, derubando todos os nossos absolutos.

Deparei-me com ele várias vezes. Na verdade, aqui temos levado uma surra: os processos de mobilização popular não ganharam vulto; a precariedade de vida do povo se sobrepõe às formas alternativas de organização; há uma crise genera-

lizada na política, na economia e na conjuntura das igrejas. Temos de enfrentar tudo isso. Muitos têm perdido a esperança.

Sei que você vai me compreender. Afinal, a resistência ao regime nazista foi tarefa árdua e profética; e você procurou cumprí-la por fidelidade à Palavra de Deus. Mas, aqui o problema é não termos referências; não vermos o processo de libertação que nos fazia refletir teologicamente e indicava um caminho. Aqui, temos o “nada”, o “vazio” (lamento o fato de você não ter tido condições de ver os filmes “História Sem Fim” — I e II).

o Sinédrio, mas descobri: colocar as mãos sobre Deus, jamais!

Não se trata de suprimir a dimensão política, mas é deixar de acreditar que a nossa eficácia militante (e a insistência para que toda a igreja faça o mesmo) nos salvará.

Hoje tenho redobrado meus esforços pastorais e políticos, mas guardo plena convicção de sua pouca ou nenhuma serventia. Temos trabalhado muito mais e com maior satisfação, prazer e alegria “sem que o homem possa colocar suas mãos sobre Deus, como Deus coloca as suas sobre o homem”. Obrigado, amigo!

e do mundo) — possa ter clarabóias que deixem passar a luz do alto, da Palavra de Deus. (Você disse isto numa preleção, lembra-se?)

• é não morar sozinho, mas na comunidade: lugar teológico diante dessa mesma Palavra. A experiência tem mostrado que o povo não vota como nós queremos, não vive em total harmonia como desejamos, não partilha tudo quanto poderia. Mas, a comunidade “fala pelo próprio fato de sua existência no mundo”, não é mesmo?! Entre os resultados pastorais na Baixada Fluminense, tenho: recebido sorrisos, ouvido conversas sobre bebês que choram à noite, brincado com crian-

Em meio à muita pobreza, a Palavra de Deus tem atravessado a nossa alma e temos buscado a vida, a unidade, a evangelização do mundo



Celebrar a vida tem importância para as comunidades

É necessária uma “pastoral de consolação” e, na maioria das vezes, estamos na “pastoral de transformação”

No campo da pastoral popular, quando se convive diariamente com o povo, é impressionante testemunhar a sua qualidade de vida! A maioria tem problemas nervosos e boa parte tem a saúde mental debilitada (crises, convulsões, desmaios, histerias...). Os problemas familiares são muitos: filhos casados morando no mesmo terreno, mulheres mal-amadas, enfermidades diversas, conflitos. A vida material é extremamente precária: moradias minúsculas, insegurança no trabalho, pouco ou nenhum lazer.

Diante disso, é necessária uma “pastoral de consolação” e, na maioria das vezes, estamos na “pastoral de transformação”. Como propor projetos/empenhos/reflexões/estudos/reuniões em meio a tanto sofrimento?

Revi muitos pontos, esfaqueei-me com a Palavra de Deus diversas vezes, com chicote expulsei-me do templo, murmurei com os judeus, estive perante

E quanto ao pastorado?

Este espírito vem de algum tempo colo- cando-me contra a parede. Amorosamente. Tenho um amigo, o Léo — você conhece? —, que por muitas vezes falou-me da Graça, da Salvação sem esforços... Claro, você deve ter tido muitos amigos que falaram a mesma coisa! O que ouvi, desembaraçou, limpou, purificou, como se vivesse um tempo de crise, questionando os fundamentos, tendo a sensação de que algo vai morrer, se corromper e se diluir. Todavia, com a impressão de libe- rtação, de alívio e de arrancada feliz para uma solução integradora de todos os elementos da vida (li estas coisas num livro de Leonardo Boff).

O assumir o ministério pastoral — e de maneira especial com as ênfases que lhe atribuímos: sem poder, sem segurança, mergulhado na solidariedade com os pobres e no serviço — não se faz a partir de análises de conjuntura. É atitude primeira, e de fé. Antecede e sucede todas as avaliações e racionalidades.

Com isto, gostaria de concordar com você que a Igreja é um evento que se repete continuamente. Gosto de fazer as contas, imaginar as artimanhas eclesiás- ticas planejadas, entender os jogos de poder. Mas, o que me agrada mais:

• é morar numa casa que — além das janelas abertas para a realidade (da Igreja

ças, conversado com velhinhos... Tem sido muito bom, mesmo em meio à dor.

Também gosto da forma como você fala da Palavra de Deus. De todos os embates, este tem sido o nocauteador. Nesses dez anos, refletimos sobre Estêvão — sua radicalidade e compromisso com uma nova ordem; descobrimos a espiritualidade do evangelista João, de maneira especial suas ênfases na oração e na unidade; em Jonas vimos nossas fragilidades e a misericórdia de Deus; e temos olhado com muita atenção para as mulheres, principalmente Rute.

Em meio à muita pobreza, a Palavra de Deus tem atravessado a nossa alma e temos buscado a vida, a unidade, a evangelização do mundo. Estes têm sido os temas do nosso trabalho, ou melhor, de nossa paixão.

Fico por aqui, na certeza de o encontrar um dia.

Um grande abraço!

Claudio Ribeiro

PS: Fiquei ansioso para lhe escrever, porque recentemente, Julio de Santana, conversando com um grupo de amigos, nos fez a mesma pergunta feita por Richard Shaull décadas atrás: “O que Deus está fazendo, hoje, no mundo?” Desde lá tenho procurado conversar com muita gente.

Claudio Ribeiro é pastor metodista na Baixada Fluminense (RJ) e integra a equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

Esperar é preciso

Roberto Zwetsch

Esperar é preciso. Viver também. E como! Imagino que é entre estes dois desafios que procuramos construir um espaço de vida e de felicidade nos tumultuados e incertos dias que vivemos no País hoje.

Nossas comunidades cristãs espalhadas de norte a sul poderiam contribuir e muito para fazer surgir esperança. Uma esperança substantiva, sem ilusões fáceis, mas carregada de sentido, de dignidade, de solidariedade, de amor maior.

Nesse sentido, talvez o apóstolo Paulo tenha algo a dizer para nós, que vivemos nesta tensão permanente. Paulo, como um peregrino, andava pela Ásia Menor, no primeiro século, anunciando o Evangelho de Deus, a Palavra da Cruz, palavra de libertação e paz. Ele conheceu muita gente, sobretudo gente pobre. A estes trouxe palavras de ânimo e de justiça. E foi ouvido. Muitas comunidades cristãs foram se formando por onde passava. Amigos do judaísmo, os prosélitos, aceitavam o Evangelho de Jesus e constituíam comunidades de homens e mulheres, onde se respirava um ar novo, uma nova fraternidade que se expressava sobretudo na Ceia comum, no repartir da Palavra, do pão e do vinho.

Estas jornadas suscitaram discussões. Paulo chegou até a escrever a uma comunidade desconhecida, a dos romanos, que já tinha ouvido o Evangelho. Essa carta hoje a conhecemos como Carta aos Romanos. No capítulo 8, encontramos um texto que particularmente nos atinge ao refletirmos sobre a esperança. Pense nos versos 18 a 25.

Vale a pena ler tudo devagar e meditar sobre a amplitude da expectativa dos filhos de Deus. Nada menos que a criação inteira espera por libertação, e não apenas os seres humanos. Nestes tempos em que tanto se fala do meio ambiente, da ecologia, da destruição da natureza em função de certo modelo de desenvolvimento, estas palavras revelam uma atualidade impressionante.

Eu gostaria, porém, de chamar a atenção para:

“Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (vv 24, 25).

Aponto três percepções que particularmente aguçam meu sentido de fé.

Primeira: É o conteúdo utópico da nossa esperança. Esperamos o que não vemos. Buscamos o que ainda não está escrito, o que ainda é objeto de realização. E o que poderia ser esta nossa utopia? Paulo e outros apóstolos nos falam do Reino de Deus, o conteúdo primeiro da pregação do próprio Jesus. É um desafio para nós tentar dizer o que hoje significaria esse Reino. No Novo Testamento, encontramos uma imagem muito bela do Reino. Trata-se do banquete cujo anfitrião é o próprio Deus. Ele convida muitos, mas quem, na verdade, atende ao convite são sobretudo os pobres e os desvalidos. É preciso attentarmos bem para esta circunstância. A nossa utopia deve estar calcada com os pés no chão, misturada à sujeira

Comunidades cristãs poderiam contribuir e muito para fazer surgir esperança

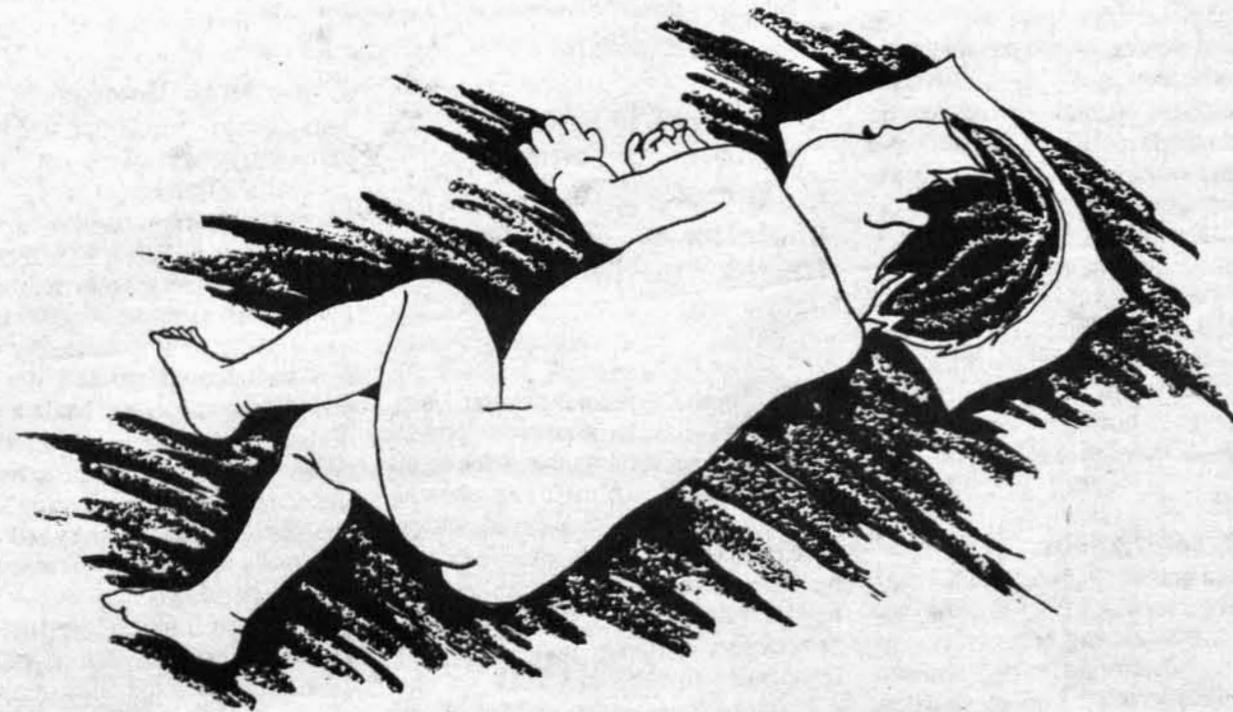
Segunda: Há um ditado popular muito citado hoje em dia: “A esperança é a última que morre”. Sem ela, a nossa vida ficaria vazia, sem vida, sem perspectiva de futuro. Sem esperança, não conseguíramos nem olhar o horizonte. A gente ficaria metido, com os olhos e o coração, no imenso sofrimento que parece estar vencendo e nos afogando num beco sem saída. Como suportar tudo isso, tanta revolta reprimida, tanta opressão e miséria, sem uma firme e inabalável esperança?

Sim, a esperança é a última que morre. Um amigo dizia, acrescentando, que nossas comunidades cristãs são berços dessa esperança, uma esperança que é teimosa, e não se deixa vencer pelo acúmulo dos problemas e das desgraças que atingem a muitos de nós. Essas nossas comunidades — e aí penso em especial nos jovens, moças e rapazes — existem para que levantemos nossas cabeças, ergamos os olhos e sonhemos utopias. Porque uma coisa é certa: ainda que pareça difícil acreditar, tudo isso que nos rodeia não tem a última palavra. No horizonte da vida, há novas

Na caminhada utópica em busca do reino da liberdade, aprendemos a ser teimosos, a ser teimosamente fiéis à busca por direito, justiça e paz para todos

É esta a força que nos permite esperar pelo que não vemos. Sozinhos, somos fracos, entregamos os pontos. Mas juntos descobrimos uma força nova, a força do Espírito que nos levanta quando abatidos, e nos faz arregaçar as mangas para construir caminhos de esperança e de justiça.

Terceira: Se esperamos profeticamente, nós o fazemos com “perseverança”. Isto quer dizer, com teimosia. Na caminhada utópica em busca do reino da liberdade, aprendemos a ser teimosos, a ser teimosamente fiéis à busca por direito, justiça e paz para todos. Esta é uma característica dos discípulos de Jesus. Com ele aprendemos a optar e ir até o fim. Com perseverança, ousa-



Martha Braga

e aos problemas que tornam tão infelizes os homens e as mulheres, crianças, jovens e velhos deste país. Do contrário, poderemos cair em ilusões que nos distanciam daquela esperança que é contra toda esperança, aquela esperança alicerçada no evangelho da libertação dos filhos de Deus, esperança profética, portanto.

palavras, palavras de vida e salvação, palavras de felicidade e paz, palavras de justiça e libertação. Isto tem tudo a ver com o Evangelho, com o Reino de Deus anunciado e praticado por Jesus de Nazaré.

E uma característica dessas comunidades é que não sonhamos sozinhos. Sonhamos juntos, comunitariamente.

dia e criatividade. A comunidade cristã é uma escola de esperança onde há um mestre que é servo de todos e onde todos somos co-irmãs e co-irmãos solidários e sensíveis, sobretudo com os mais fracos.

Esperar é preciso!

Roberto E. Zwetsch é pastor luterano.

Na nossa Páscoa Cristo foi imolado

Sugestões para a celebração da Páscoa

LOUVOR

Ministro: A pedra que foi rejeitada pelos construtores, essa veio a ser a mais importante de todas. Isso foi feito pelo Deus Eterno e é uma coisa maravilhosa! Este é o dia da vitória do Deus Eterno; que seja para nós um dia de felicidade e alegria!

Comunidade: ALELUIA! ALELUIA! ALELUIA!

Cântico: Hinário Evangélico 41

CONFISSÃO

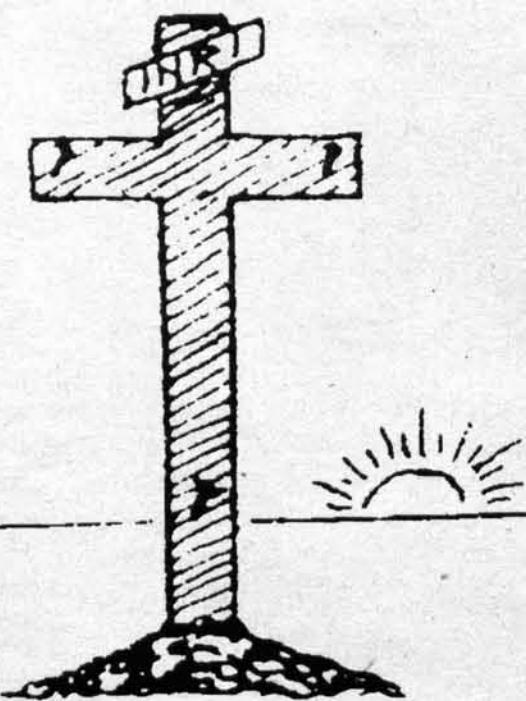
Ministro: "Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Mas, se confessarmos os nossos pecados a Deus, ele cumprirá a sua promessa e fará o que é justo, isto é, perdoará os nossos pecados e nos limpará de toda a maldade" (1 João 1.8-9)

Comunidade: Oração silenciosa

A PALAVRA DO SENHOR

Ministro: Deus nosso Pai, tu vens até nós em novidade e nós vamos a ti com as nossas velharias. Tu vens até nós em verdade, e nós vamos a ti com as nossas ilusões. Tu vens até nós em santidade e nós vamos ti com nossas fraquezas.

Comunidade: Concede-nos a alegria de descobrir o teu caminho, em Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado; ele nos conduz a ti, para vivermos, na alegria do Espírito, o amor que desafia os séculos dos séculos. Amém.



A cruz vazia e o sol nascente

Leitor: Livro dos Atos dos Apóstolos (10.34-43)

Leitora: Carta de Paulo aos Colossenses (3.1-4)

Cântico Especial

Ministro: Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo segundo João (20.1-9)

Pregação

PROCLAMAÇÃO DA FÉ COMUM

Ministro: Da mesma forma como há séculos os crentes proclamam as verdades de sua fé, assim vamos repetir a oração do Credo dos Apóstolos.

Comunidade: Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra; E em Jesus Cristo, seu Filho Unigênito, nosso Senhor; o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu, e está sentado à mão direita de Deus Pai Todo-Poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão de pecados; na ressurreição do corpo; e na vida eterna. Amém.

Cântico especial

OFERTÓRIO

(Faz-se a coleta e podem ser levados os elementos da Santa Ceia após a declaração do ministro)

Ministro: "Lembrem-se disto: Quem planta pouco colhe pouco; quem planta muito colhe muito. Que cada um dê conforme resolveu no coração, não com tristeza nem por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria. E Deus pode dar muito mais do que vocês precisam para que tenham sempre tudo o que necessitam e ainda mais do que o necessário para toda a boa causa" (2 Coríntios 9.6-8)

(Pode haver cânticos ou música instrumental)

CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA

PREFÁCIO À EUCARISTIA

Ministro: Senhor, nós te louvamos, porque nos amas e porque somos teus filhos; Nós te louvamos por Jesus Cristo que está vivo entre nós; Nós te louvamos pelo Espírito Santo o qual nos reúne apesar das nossas diferenças e que faz de nós um só povo. E nós te louvamos por este Domingo da Ressurreição que nos permitiu participar da alegria do teu Reino e por isso cantamos.



Fênix: segundo a lenda, renasce das cinzas

Comunidade: ALELUIA! ALELUIA! ALELUIA!

Ministro: Evangelho de Marcos 14.22-26

ORAÇÃO EUCARÍSTICA

Ministro: Agora, Senhor, tudo está em tuas mãos. Nós preparamos a mesa. Vem tu mesmo presidi-la. Aqui estão nossos corações mal preparados, os nossos arrependimentos insuficientes, a nossa fé tão pouco atuante. Concede-nos, nesta refeição, teu perdão, tua presença, tua paz. Pela ação de teu Santo Espírito, vem dar-nos

comunhão com o corpo e com o sangue de teu Filho Jesus Cristo. E, assim como o alimento fortifica nosso corpo, como o vinho alegra nosso espírito, assim este pão nos dê a força que vem de ti, e este vinho, a alegria que desejas para nós.

Comunidade: Que esta mesa nos anuncie o Reino que tu nos levas a proclamar e a testemunhar. Amém.

Ministro: Saudemo-nos uns aos outros com a saudação da Paz!

Ministro: Agora podemos mais uma vez repetir o que Jesus ensinou:

Comunidade: "Pai Nossa que estás nos céus..."

PARTILHA EUCARÍSTICA

Cântico especial (Durante a distribuição dos elementos da Santa Ceia)

ATOS FINAIS E DESPEDIDA

INTERCESSÃO

(Motivos de interesse especial da Comunidade)

VIDA DA COMUNIDADE

(Anúncios, convites, recomendações)

EXORTAÇÃO AO SERVIÇO E TESTEMUNHO

Ministro: Porque professamos nossa fé em Cristo Ressuscitado, podemos ir em paz, e o Espírito de Deus será nosso Companheiro.

Hino: (Sugestão: Hinário Evangélico 88)

Bênção Apostólica

Igrejas cristãs são contra pena de morte

Diante da atual discussão sobre a pena de morte no Brasil, a diretoria do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), que é constituído pelas Igrejas Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada do Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Presbiteriana Unida do Brasil e Católica Ortodoxa do Brasil, declara: **Rejeitamos a pena de morte como solução à criminalidade.**

1 — Nossa caminhada como povo de Deus, em alguns momentos da história, nos levou a atitudes contrárias à vida. Dessas atitudes, e da busca constante de aperfeiçoamento da caminhada, constatamos que a morte não é redimida pela morte; a transgressão cobra uma reparação por meio de ações de vida, tanto para o transgressor quanto para a sociedade.

A partir dessa palavra de penitência, elaboramos o que hoje compreendemos por “vencer o mal com o bem; a morte com a vida”.

2 — A pena de morte pode não existir constitucionalmente, mas extralegalmente existe na prática cotidiana do nosso país: pela escalada da violência que extermina diariamente crianças e adolescentes; pelos homens e mulheres que morrem no campo e na cidade, silenciados por causa do seu compromisso com a vida e justiça; pelo crescente número de famílias sem lar, sem alimento, sem atendimento médico, vitimadas por um modelo econômico excludente e concentrador de renda, que torna a vida descartável; pela ação dos grupos de extermínio, esquadrões da morte e de falsos justiçeiros; pelo número cada vez maior de pessoas de bem exterminadas pelo crime organizado que age impunemente, destruindo a vida pelo assassinato ou pelo narcotráfico. São concidadãos que morrem diariamente em homicídios urbanos e rurais, e suas famílias deixadas frequentemente no abandono, tanto da parte do Estado como da própria sociedade.

Tudo isso configura um quadro de pena de morte de fato, a que se deseja agregar o direito do Estado de também matar, estabelecendo mais um mecanismo de violência. Talvez seja um caminho mais fácil do que uma reformulação moral que permeie toda a vida da sociedade. Por isso conclamamos as igrejas do CONIC e a sociedade em geral a:

2.1 — Propugnarem por atitudes e leis de respeito incondicional à vida e à integridade da pessoas, grupos e da natureza como um todo.

2.2 — Lutarem contra toda a palavra, ato ou organização que tenha como meta semear a vingança, a violência, a morte, seja por meios legais ou ilegais (como grupos de extermínio).

2.3 — Lutarem por abolir do pensamento e/ou da prática brasileira e mundial a pena de morte.

2.4 — Repudiarem países que instauraram ou que estão em processo de instauração da pena de morte.

2.5 — Juntarem nossas vozes, esforços e ações a todos aqueles — pessoas e organizações — que são visceralmente contrários à instalação da pena de morte em qualquer Estado ou país do mundo.

2.6 — Refutarem a realização de um plebiscito a respeito da introdução da pena de morte no Brasil, pois contraria preceitos constitucionais. O assunto vem sendo debatido de modo emocional, e por isso facilmente manipulável.

3 — As igrejas cristãs fundamentam a sua fé na certeza da ressurreição, isto é, na vitória da vida sobre a morte. Nós cremos que o poder de Deus pode trazer de novo a vida aos dominados pela morte. Nosso Deus é o Deus da vida, que é contrário a toda a forma institucionalizada de morte.

É dentro deste horizonte que nós lemos a mensagem do Evangelho: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10.10).

As igrejas cristãs, unidas no CONIC, se definem contrárias à implantação oficial da penas de morte e à realização de propugnado plebiscito porque acreditam que a violência não se combate



A pena de morte existe extralegalmente no Brasil quando, por exemplo, crianças de rua são vítimas da pobreza e da marginalização

com a violência, a morte não se combate com a morte, mas com a vida plena trazida por Jesus Cristo. Enfim, o ato de reparar o dano feito é realizada pela pessoa transformada e não pela pessoa eliminada. Por isso rezamos: “Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido... mas livra-nos do mal, pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre”.